

APRESENTAÇÃO

A LÍNGUA QUE NOS RESTA, EM TEMPOS DE BARBÁRIE - APRESENTAÇÃO

O dossiê *Signos: modos de criar, modos de reinventar, como um direito à cidadania cultural*, v. 12, n.1, jan./jun./2022, da Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural, UNEB, conta com 9 artigos propostos por pesquisadores(as) de várias instituições científicas brasileiras, uma entrevista com pesquisadora chinesa da Universidade de Pequim e uma resenha, feita por um doutorando do Programa de Crítica Cultural, lugar institucional e epistemológico onde se situa esse periódico.

O conceito ou noção que dá nome ao dossiê, *signos*, com seu subtítulo, criação, reinvenção, direito à cidadania cultural, indica os diferentes domínios por onde emergem formas e técnicas de conhecimento para tratarem de uma problemática que o envolve, além do combate diuturno das ideias e do pensamento contra uma espécie de metafísica fascista que entranha os corpos, o saber e o poder hegemônicos.

Através dessa noção de signo, descoberta pela linguística em fins de século XIX e início do XX, e elevada ao limite pela literatura e o discurso artístico forte, não só podemos vislumbrar o humano, o demasiadamente humano, na nomeação das coisas e suas formas de representação do mundo, mas, mas do que isso, localizar as instituições e seus agentes produtores de sentido reacionários e seus efeitos.

Assim, se cada discurso, com suas proposições pode ser problematizado, localizado na sua emergência, mapeado em seus efeitos, então, para a organização de uma política cultural cidadã, transvaloradora e socialista, com o protagonismo dos despejados de sua língua, cultura, território e do seu próprio ser, não temos outra alternativa senão fazer das feridas, dos corpos e suas dores, o lugar de uma política, de uma restauração da cidade subjetiva, e refazer a ordem do mundo e suas instituições.

Em suma, não é suficiente qualquer radicalidade epistemológica, despolitizada de sua base organizativa, mas, através dos cortes, ponto por ponto, de discursos metafísicos, que entranham a ordem neoliberal e sua lógica de exclusão e barbárie, considerar que cada falante tem uma relação visceral com os signos, com sua enunciação e historicidade, e, assim,

empreendermos o devir revolucionário nas pessoas, então componentes em potencial de coletivos emancipatórios. Essa é a principal promessa aos leitores do presente dossiê.

Em *Maria Quitéria/ Soldado Medeiros: um soldado entre as condecorações nacionais e o esquecimento*, artigo do pesquisador Helder Thiago Maia, temos um mapa preciso de como a historiografia, em países de periferia como o Brasil, trata a mulher, o negro, o indígena, e nesse caso, uma lutadora social e pela independência do país que, mesmo por sua bravura e contribuições, com armas na mão em contexto de guerra pela independência, não consegue dispor de uma língua, de uma enunciação que não sucumba ao discurso historiográfico que, apenas, a reduz a uma “heroína”, sem nenhuma cidadania; prova disso, ao longo da bela interpretação de MAIA, é que além de ser aliada da expressão de sua subjetividade, precisa lutar pelo direito de herança de riquezas pai, então, escravocrata, além de, depois das armas, viver à míngua e esquecida pelas ruas da Bahia.

É no texto, então, de MAIA, que adquire um modo de expressão à altura de sua grandeza como pessoa libertária, e para além de donzela-guerreira e seus disfarces de mulher ou soldado. Com esse modo de expressão, abre-se uma clareira, através dessa personagem lutadora, e aqui também conceitual, não apenas para desconstruirmos os relatos historiográficos, típicos do colonialismo cultural e sua elite intelectual adoecida por essa condição, mas, principalmente para estimular os(as) leitores(as) a retomarem as representações sobre nossa guerreira e aprender com ela as lições para encararmos o nosso tempo presente e disputar o futuro nesses tempos difíceis.

E essa luta teórico-discursiva continua no artigo seguinte *O uniforme escolar e seus “lugares” de significação: ambivalências e “ideais de mulher”*, resultado de pesquisa levada a cabo pela pesquisadora Maria Salete de Souza Nery, e seu colega de grupo de pesquisa Wilson Rogério Penteado Jr. Os signos que aqui compõem a língua que resta são vislumbrados a partir de uma arqueologia da vestimenta e indumentária imposta tanto por instituições religiosas como pelas militares, cumprindo cada uma delas, claro, ponto por ponto, as prescrições do Estado, como um gerente do capital e sua ética da moralidade.

A partir de uma escuta sistemática, e bastante qualificada, de enunciações de pais, de alunos, em nosso contexto atual, em confronto com aquela arqueologia ou tomando-a como pressupostos de investigação e leitura, SOUZA NERY e PENTEADO JR., nos mostra como um signo qualquer, sempre arbitrário, contextual, histórico e cultural, pode tornar-se naturalizado, fixado, uma lei pétrea e impenetrável, a determinarem os comportamentos e consumirem as subjetividades consumidoras desses signos.

A dobra que esse(a)s pesquisador(a)s nos apresenta(m) pode ser visível a partir do ato de rebeldia na pessoa uniformizada, onde quer que ela esteja sufocada, seja borrando cores e pregas, seja formando grupelhos que problematizam e transgridam normas e prescrições. Assim, entre o uniforme das instituições repressoras e o nu da vontade transgressora, o presente artigo estabelece certas condições para o grau zero dessa forma simbólica, sempre considerando o lugar de poder do uniforme como um lugar vazio e esvaziável, logo, conferindo poder aos sujeitos para performatizá-lo e não, como sempre acontece, sucumbirem ao poder simbólico do seu uniforme.

Em *Costuras performativas: a mesa posta da artista Ana Fraga*, a pesquisadora Geisa Lima dos Santos, através do trabalho do si e do signo, coloca em cena as performances de uma artista terrorista, diria Giorgio Agamben, que, além de dar forma àquilo que ainda não tem forma, engaja o seu estilo como um modo de vida e pura profanação. Assim, é intolerável para uma artista como Ana Fraga e, a própria Geisa Lima, que também é uma artista, encontrar e trabalhar o “azul” na obra de um outro artista, em que esse mesmo artista, como cidadão e pessoa civil, é um opressor e um patriarca, sem fazer desse “azul” uma forma artística do esculacho e com a participação do público no ato performático.

Exemplo de um trabalho do si e do signo levado ao limite da criação, o artigo de SANTOS, dramatiza as relações das forças ativas e reativas em jogo e em confronto, quando se trata de pensar, com os meios de expressão da arte, não o si, em si mesmo, mas atravessado por saberes e poderes, como numa encruzilhada ou num lance de dados.

Todos esses artigos, aqui, anteriormente apresentados, mobilizam um conjunto de signos e de procedimentos que nos permitem propor, aqui, um

fecundo diálogo com *A teoria das representações sociais e o estudo dos processos de ancoragem da memória coletiva*, dos pesquisadores Thiago Souza Silva e Elton Moreira Quadros. Tomando por fundamento aspectos da obra do pensador romeno, refugiado do stalinismo em Paris dos anos de 1940, Serge Moscovici e seus comentadores atuais mais relevantes, temos a descrição de um investimento científico que mobiliza aspectos da sociologia de Émile Durkheim e da psicologia social para através de noções e procedimentos como memória coletiva e representação, suas conservações, ancoragens, aderência, entre outros, para opor o senso comum ao pensamento científico, visando, com isso, a elevar o status do primeiro em relação segundo e promover intervenções e deslocamentos nessa história hierárquica de longa duração. Assim, o diálogo, aqui entrevistado, sugere que não há, *apriori*, uma natureza da representação coletiva, tudo é linguagem, a tal ponto que se por um excesso de barbárie desaparecer o gênero humano da face da terra, além da memória, irão com ele todos os símbolos, e nada daqui, então, existente, terá formas e nomes sob nosso atributo. Isso posto, não há história de longa duração que não possa ser superada. Ou mais radicalmente: não há história de longa duração que permaneça a mesma sob o impacto permanente de uma miríade de descontínuos e pontilhados de acontecimentos rebeldes. Em toda estrutura, em qualquer que seja a sua série, há sempre a possibilidade de uma dobra, novas relações, novas funções, envolvendo novas práxis, novos devires.

Como agenciamento desse devir rebelde, não familiar, e contemporâneo a Émile Durkheim e Ferdinand Saussure, temos a múltipla performance de Gabriele D'Annunzio, através do artigo *Quem era Gabriele D'Annunzio? Anjo ou demônio? Artista ou charlatão? Aventureiro ou vate?* dos pesquisadores Fabiano Dalla Bona e Julia Lobão. Ao longo de toda a vida desse artista, temos o seu gesto rebelde e radical de fazer da própria vida uma obra de arte, antecipando aquilo que, numa outra clave, é a proposta de Leon Trotsky, em *Literatura e Revolução*, escrito entre 1922 e 1923, em plena guerra civil para o advento e consolidação da URSS, como promessa comunista, onde não haveria exploração do homem pelo homem e, sim, a abolição completa da luta de classes.

Seja no gesto artístico, em que as fronteiras entre vida e obra de arte se diluem; seja na experiência histórica revolucionária, em que a história de longa duração do ocidente é colocada abaixo e, em seu lugar dramatizada a história possível, daqueles que sempre foram despejados de sua língua, cultura, territórios e formas de identidade, temos, nos dois casos, atos simbólicos, antagonismos de classe levados ao limite, e uma ideologia da forma, colocada, permanentemente em questão, como uma condição para que, através da desmontagem de qualquer signo da dominação, seja possível a cada oprimido(a) se ler como objeto dessa dominação e se reinventar, individual ou coletivamente, mudando a situação e o mundo opressor em que se encontra.

É nesse sentido que em *Práticas de letramento e a escrita juvenil de estudantes de escolas públicas*, artigo produzido por Cosme Batista dos Santos, sua orientanda de doutorado Nazarete Andrade Mariano e, o orientando desta na graduação, Vítor Castro Brito, se propõe a um exercício pedagógico no interior da sala de aula, e ainda no âmbito de movimentos sociais, para que toda prescrição sistemática concernente a materiais didáticos que não sejam pensados, produzidos pela comunidade de estudantes e educadores, seja problematizada juntamente com suas instituições, com isso, produzindo espaço, no âmbito e movimento dessa problematização, para que estudantes e educadores, então como atores e artistas, possam não só praticar um letramento que ainda não tem forma, a ser construído no movimento de criação, mas, principalmente, que as formas do novo letramento emergente seja antes de tudo um modo de expressão de estudantes, esses de escola pública, cujo espírito criativo deva sempre responder ao intolerável de um ambiente escolar, familiar, social, imaginário, demasiadamente sufocante.

Considerando os afetos dos estudantes como matéria prima principal da atividade pedagógica e, em certa medida, a incapacidade ou falta de formação de educadores em início de carreira, para essa consideração, temos no artigo *A afetividade e o ensino de língua inglesa para crianças na primeira infância sob a ótica de uma professora em início de carreira*, produzido pelos pesquisadores Layza Monteiro Ivo da Silva e Francisco Wellington Borges Gomes, a colocação de um problema aparentemente local,

mas de impacto universal, ou seja, cada afeto de uma pessoa, nesse caso, estudantes em seus primeiros passos na escola, e num ambiente de aprendizagem de língua estrangeira, deve ser considerado como uma manifestação do seu movimento de aquisição de uma língua para se colocar no mundo e com o mundo.

Isso quer dizer que cada ser humano nasce com a potência de falar, mas essa potência pode ser reprimida, anulada, controlada reativamente, silenciada, pelas violências físicas e simbólicas que atravessam as formas de saber e de poder, presentes na sala de aula, e nesse mundo humano, demasiadamente humano. Por isso a jovem educadora, dá um passo atrás em sua formação, rever suas lacunas, se põe a escutar de forma sensível o barulhinho do si que envolve aquele coletivo de pequenos estudantes, e inventa com eles uma forma de eles entrarem na história, mesmo com uma língua estrangeira que, nesse caso, deixa de ser estrangeira ou nativa, mas a língua de expressão de um devir sujeito de suas cenas de vida.

É assim que a doutoranda do Programa de Crítica Cultural, Lucicleide Guimarães Ribeiro, em seu artigo *Movimento popular e histórico de Canudos: signos de esvaziamento do discurso de poder religioso, político e latifundiário*, vai se colocar na cena de formação estético-política, desde a sua tenra infância. Filha de pais camponeses, assim como outras crianças, e no seio de um movimento social, vai aprender através do teatro, da música, do discurso religioso popular, fomentando a rebeldia contra grileiros, fazendeiros e seus pistoleiros, e das missas aos mártires da Guerra de Canudos, mobilizadas pelo Pe. Enoque de Oliveira, nos anos de 1980 em Monte Santo – Bahia e região de Canudos, não só aprender a ver, com outros olhos, as personagens principais que compõem as instituições de barbárie secular no Brasil e no mundo ocidental, a igreja oficial, o estado, a escola, a academia conservadora, todos a serviço da capital predatório e parasitário, mas, também, além desse ver para crer, vai participar, efetivamente, da construção desse movimento histórico. Ou seja, dos signos de sua formação estético-política, que lhe permitem dramatizar o lugar do si nessa trama entre saberes e poderes reacionários, lhe permitem, também, e como contraponto, fazer uma arqueologia do movimento e abrir horizontes para as lutas do presente, para podermos dispor do futuro.

Terminada a apresentação dos artigos, acima, tratemos um pouco da entrevista com Fan Xing, da Universidade de Pequim, sobre *Trabalhos didáticos, acadêmicos, e difusores da língua e literatura portuguesa* nessa universidade. Foram lhe feitas questões como origem e motivações de implantação do curso, sua estrutura curricular, oferta de vagas, processo de formação, perfil dos egressos, corpo docente e sua produção bibliográfica e técnica, além de suas cooperações em redes de pesquisa nacional e internacional, visando a difusão de língua e literaturas de expressão portuguesa, além de seus critérios individuais e institucionais para parcerias.

Suas respostas, além de precisas foram bastante esclarecedoras, entre as quais destacam-se as seguintes: o interesse do estado chinês e suas instituições pela língua e literatura, normas portuguesa, brasileira, e de países lusófonos, é cada vez mais crescente, e por isso com bastante investimento em recursos humanos, em infraestrutura.

Embora pequenas as turmas, desde o início do processo de formação, a sua oferta tem sido regular, com espaçamento nas entradas e saídas, mas destacando o imenso mercado de trabalho para os seus egressos, seja nas empresas chinesas, seja na vida acadêmica da graduação e pós-graduação, em níveis de mestrado e doutorado. Preza-se, assim, mais pela qualidade da formação, com o mínimo de 10 anos de imersão em língua e cultura chinesa, do que pela quantidade de entrada e saída.

Embora também com um corpo docente pequeno, sua atuação na China, e internacionalmente, é bem acentuada, cujo investimento tem sido além do ensino e da pesquisa com demandas e temas contemporâneos, a exemplo da literatura brasileira com os temas da esquerda nacional e internacional, há um forte investimento em tradução das obras de escritores brasileiros, portugueses e africanos.

Considera, por fim, que essa entrevista, e outras cooperações entre nossas instituições, desde 2017, quando através do projeto de pesquisa *Potências transnacionais emergentes e seus crivos culturais (BRICS)*, visitamos o Centro de Cultura Brasileira, daquela universidade, e apresentamos mesas redondas no Departamento de Línguas Estrangeiras e no centro de Relações Internacionais para América Latina, essas iniciativas já traduzem laços de amizade e de parcerias, com futuro promissor.

Para finalizar este dossiê, temos a resenha do livro *Saussure: a invenção da linguística*, realizada pelo doutorando do Pós-Crítica, Gabriel Vidinha Corrêa, que além de dados bibliográficos do mestre genebrino, perambula com bastante desenvoltura interpretativa pelos 12 capítulos do livro organizado José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Brandão e publicado pela Editora Contexto em 2019. Esses pesquisadores integram o GT Estudos Saussurianos da ANPOLL, fundado em 2013, ano do centenário de morte do mestre dos fundamentos, como diria Émile Benveniste.

Com a implantação do curso de doutorado em Crítica Cultural, em 2019, com início em fevereiro de 2020, oferecemos, a cada nova turma a disciplina Seminários Avançados I, com o objetivo geral de realizar estudos que apresentem uma arqueologia da descoberta do signo em linguística, seu impacto e reverberações no campo linguístico-literário e nas ciências humanas, visando a resultados científicos tais como a construção de um arranjo teórico e metodológico que, através da crítica cultural no campo linguístico-literário, problematize sistematicamente a dicotomia, ainda reinante, entre os estudos linguísticos e os estudos literários e o estabelecimento de condições epistemológicas de formação, em nível de doutorado, para um trabalho científico de fronteiras, em que se possa mapear as viradas linguístico-literárias em vários domínios, bem como, as viradas culturais em estudos linguísticos e literários.

E já com essa formação no âmbito da disciplina Seminários Avançados I, é que CORRÊA, constrói esses mapas e dar a ver novas paisagens epistemológicas, imprescindíveis ao pensador da crítica cultural.

Assim, em tempos de barbárie, só nos resta a língua, não a que está pronta para o nosso uso cotidiano e ordinário, em seu estado aparente de natureza ou de “verbo que se fez carne”, mas aquela língua que emerge ao arrombarmos o simulacro que atravessa o significado transcendental que infla palavras e discursos em seu conúbio com as coisas.

Eis, então, o presente dossiê, em estado de caleidoscópio e jogos de armar, para que cada leitor, leitora, encontre o seu ponto de ruptura com as dobras de saber e de poder entranhadas, metabolizadas, e que possa

dramatizar o si, fazer de sua existência uma festa. Afinal, como já constatamos lendo saussure e seus comentadores, a obra, o curso de linguística geral e a série de documentos que a fundamenta, não é apenas um estudo rigoroso e sistemático da *langue*, mas, um manual de sobrevivência para cada falante. Boas descobertas: nossa arma é o pensamento.

Osmar Moreira dos Santos